

Centro Ruth Cardoso

Ciclo Juventudes

Comitê Juventudes e Construção de Identidade Parceria nas escolas e processo formativo dos jovens

A partir de um processo de redesenho de seus propósitos e linhas de ação, o Centro Ruth Cardoso (CRC), abarcado pela Fundação Fernando Henrique Cardoso, passa a investir na consolidação de seu papel como um polo de geração e disseminação de conhecimento. Para tal, o CRC reuniu pessoas atuantes na academia, em movimentos sociais e nas diferentes linguagens artísticas para pensar temas contemporâneos, produzindo materiais que sistematizem e compartilhem as análises e reflexões geradas nesses encontros. A temática a ser explorada no primeiro ciclo é Juventudes, dividida em três vertentes: atuação política, construção de identidade e sociabilidades.

Este documento registra e organiza o conteúdo principal do debate Parceria nas escolas e processo formativo dos jovens, realizado em 21 de setembro de 2021, no âmbito do Comitê Juventudes e Construção de Identidade.

Pessoas que pesquisam o tema interessadas em ter acesso ao registro audiovisual completo do debate podem entrar em contato pelo e-mail: crc@centroruthcardoso.org.br.

CONVIDADOS

- **ANA MOSER:** é medalhista olímpica, parte de uma das gerações mais vitoriosas do voleibol brasileiro. Em 2001, criou o Instituto Esporte & Educação, dedicado a implementar a metodologia do esporte educacional em comunidades de baixa renda;
- **DÉBORA BLANCO:** é dirigente regional de ensino de São Carlos (SP). Foi membro do Conselho Estadual de Educação e presidente do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb), ambos do estado de São Paulo;
- **GHISLEINE TRIGO** (mediação): é presidente do Conselho Estadual de Educação de São Paulo. Na Secretaria Estadual de Educação paulista, foi coordenadora de Gestão da Educação Básica e do projeto de desenvolvimento dos conteúdos programáticos dos cadernos dos professores. É membro da Rede de Parceiros do CRC.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

- Como integrar ações e projetos da sociedade civil e de universidades ao projeto pedagógico das escolas?

- De que forma essas ações e projetos auxiliam no processo de construção identitária dos jovens?
- Quais são os principais desafios no estabelecimento de parcerias público-privadas e com universidades? Quais as estratégias para superá-los?
- Quais são os principais resultados trazidos por essas parcerias?
- Como as ações e projetos trabalham para criar oportunidades que sejam equânimes aos diversos perfis de alunos, e não apenas para aqueles mais habilidosos?
- Diante de uma conjuntura de falta de perspectiva das juventudes brasileiras em relação ao futuro, com 47% das pessoas entre 15 e 29 anos querendo deixar o país (de acordo com dados da FGV Social), qual é o papel dessas parcerias em oferecer saídas concretas para os jovens?

DEBATE

PARCERIAS NAS ESCOLAS: REFLEXÕES A PARTIR DE DOIS CASES

- A experiência do Instituto Esporte & Educação (IEE):
 - Partindo da premissa de que o esporte educacional é para todos, e não só para os mais habilidosos ou para a elite, o IEE trabalha em duas frentes principais: de um lado, a criação de núcleos próprios para o atendimento direto às crianças e aos adolescentes, com professores contratados pelo IEE; de outro lado, a formação de professores de escolas em todo o país, em geral do Ensino Fundamental I e II na rede pública. É nesta segunda frente que se estabelecem parcerias com as escolas;
 - O tempo de duração do processo formativo dos professores varia de acordo com os termos do patrocínio do projeto, que se dá principalmente por meio de leis de incentivo fiscal (diante da complexidade da burocracia estatal, é rara a contratação do IEE pelo próprio poder público). Tanto as escolas públicas quanto os professores recebem a formação de maneira gratuita;
 - O trabalho realizado leva em consideração aspectos como: as características do município (as condições e dinâmicas em uma metrópole diferem de um município de pequeno ou médio porte); as características da rede de ensino (se há ou não professores especialistas em educação física, se há ou não equipamentos e materiais adequados); de que forma a rede de ensino enxerga a educação física e o esporte; as dores trazidas pelos diferentes atores (secretaria de Educação, diretores escolares, supervisores, professores que respondem pela educação física);
 - Jornada de formação dos professores inclui: orientação conceitual; discussão sobre qualidade de ensino e qualidade de prática; organização de um método; proposição de atividades, eventos, integração com outras disciplinas, ações em rede com outras escolas; registro do processo pelos professores para apresentação à rede de ensino;

- Facilitadores para o estabelecimento das parcerias: a gratuidade do processo formativo oferecido aos municípios; a credibilidade que tanto a figura de Ana Moser quanto a longa trajetória do IEE carregam;
- Desafios enfrentados no desenvolvimento das parcerias: pouca relevância dada à educação física e ao esporte dentro das escolas; modelo de financiamento dependente de patrocínios, limitados em comparação com o que precisaria ser feito para atingir um salto de qualidade na prática esportiva escolar (hoje, mais de 60% dos alunos são sedentários); falta de reconhecimento dos saberes desenvolvidos pelo setor social enquanto um conhecimento de fato; dificuldade de recursos humanos adequados nas redes de ensino, principalmente em municípios de pequeno e médio porte;
- Principais aprendizagens: importância de buscar caminhos de conversa para que as novas metodologias se integrem ao cotidiano da escola; necessidade de reconhecer o esporte, a cultura e demais áreas como ambientes educacionais relevantes que vão além das habilidades específicas, sendo capazes de impactar na formação dos jovens de um modo abrangente (formação motora, cognitiva, atitudinal, afetiva etc.); potencial do digital como ferramenta para ampliar a escala dos processos formativos via estratégias de ensino a distância.

“A gente tem um contexto em que a educação física e o esporte são periféricos na escola, então é preciso convencer e sensibilizar para poder mobilizar, e aí participar de um processo de formação. A gente tem duas camadas de ação. Uma é mais tática, para buscar se integrar à necessidade e à fala da escola – articular, conversar, buscar entender quais são as dores. Então, taticamente, a gente vai no que é mais visível, no que é mais na pele. E a outra camada é estratégica, para poder virar política, se integrar ao currículo, às práticas, para ajudar que se consiga ampliar a carga de aula e levar atividades como o esporte para o contraturno.” – ANA MOSER

- A experiência da diretoria de ensino de São Carlos (SP):
 - Cidade de médio porte, São Carlos abriga duas grandes universidades públicas de renome internacional: a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). A presença dessas instituições no município facilita e estimula o estabelecimento de parcerias com a rede pública de Educação Básica;
 - Em termos gerais, as universidades procuram a diretoria de ensino para consultar a respeito do interesse em participar conjuntamente de projetos apoiados por editais da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e demais instituições de fomento;
 - Projetos de destaque em andamento na rede pública de ensino de São Carlos a partir de parcerias com universidades:

- Alfabetização ambiental: desde os anos iniciais, professores trabalham temas ambientais junto com o processo de alfabetização das crianças, contando com o apoio e a participação direta de graduandos, mestrandos e docentes universitários. No fim do ano, em parceria com a Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Ciência, Tecnologia e Inovação, há um grande plantio de árvores pelos alunos do 5º ano, inclusive em áreas destinadas à compensação ambiental de obras realizadas pela Prefeitura. O projeto tem financiamento da FAPESP, CNPq e Secretaria Municipal de Educação;
- Programa de estágio supervisionado: a cada ano, cerca de 600 estudantes universitários que têm uma carga horária obrigatória de estágio a cumprir são recebidos nas escolas públicas, em um trabalho integrado que entende a corresponsabilidade das diferentes instâncias (universidades, escolas, diretorias de ensino) na formação inicial desses futuros professores;
- Clubes de ciências: resultado de uma parceria entre a diretoria de ensino e o Centro de Pesquisas em Óptica e Fotônica (CePOF) da USP, os clubes foram criados com o objetivo de estimular o uso de *kits* idealizados por universidades públicas brasileiras para trabalhar as áreas de química, biologia, matemática e física com os alunos da Educação Básica. A participação nos clubes é voluntária por parte de professores e estudantes, em um formato que conversa diretamente com os itinerários formativos instituídos pelo novo Ensino Médio. Os participantes recebem formações de docentes, mestrandos e pesquisadores da USP, e no fim do ano há uma feira de ciências e tecnologia aberta à comunidade para apresentar os experimentos desenvolvidos, com a presença de um júri especializado e grande adesão da sociedade. Atualmente, há 154 clubes ativos (em trabalho remoto desde 2020, devido à pandemia de COVID-19), em comparação com 27 clubes iniciais, em 2016. O projeto conta com financiamento da FAPESP, CNPq e recursos federais.
- Desafios enfrentados no desenvolvimento das parcerias: no caso dos clubes de ciências, por uma característica da rede pública de ensino, nem sempre há continuidade de um professor no mesmo clube ou escola em razão do processo anual de atribuição de aulas, de forma que a todo momento é preciso convidar e formar novos quadros para a participação no projeto;
- Principais aprendizagens: importância de que os conteúdos trabalhados pelas parcerias estejam inseridos na proposta pedagógica das escolas e que haja alinhamento entre os interesses das universidades e o currículo escolar; papel fundamental de uma coordenação que responda pela articulação, pelo acompanhamento e pelo apoio aos diferentes atores envolvidos nos projetos (tarefa desenvolvida aqui pela diretoria de ensino), para que os resultados de fato cheguem até os alunos.

“O que integra a universidade à escola pública é que nós queremos a mesma coisa. Nós queremos levar conhecimento, proporcionar autonomia, alinhar com os projetos de vida dos estudantes. Nós temos que caminhar juntos, ter essa conexão.” – DÉBORA BLANCO

“De uma maneira emblemática, a gente sempre escolheu realizar a feira de fim de ano dos clubes de ciências dentro da universidade [no Centro de Convenções da USP], porque quando você faz um evento desses dentro de uma universidade do porte da USP de São Carlos, eu busco ver o brilho nos olhos dos meus alunos. E a cada lugar que a gente passa, a nossa equipe solta aquele mel: ‘Já pensou você estudando aqui? Olha que legal você estar aqui hoje’. A gente vai deixando as crianças entenderem que é possível, sim, que ali é o lugar delas, sim.” – DÉBORA BLANCO

- Em comum, os cases apresentados apontam que:
 - “De igual para igual”: parcerias são bem-sucedidas quando trazem ganhos tanto para as escolas quanto para os proponentes dos projetos. Para tal, é preciso que a rede de ensino seja reconhecida enquanto uma instituição que possui programas e currículos definidos e estruturados, não como um espaço a ser moldado pelos interesses do proponente;
 - “Respeito de lado a lado”: da mesma forma, é fundamental a preocupação com a adequação metodológica do projeto ao contexto escolar, sem a arrogância técnica às vezes presente na ação social. Tal cuidado é determinante para que as práticas e metodologias propostas sejam de fato incorporadas pela comunidade escolar e se mantenham mesmo que a instituição parceira deixe o território;
 - “Saber o que quer”: de outro lado, é preciso que a rede de ensino se mostre aberta e flexível às diferentes estratégias capazes de contribuir para a realização do seu projeto pedagógico;
 - “Olha quanta gente”: para que tenha bons resultados, a parceria depende da mobilização de toda a cadeia de atores da educação – desde a diretoria de ensino até os professores em sala de aula –, o que não é tarefa fácil.

“Se a rede, a escola, a diretoria não são olhadas como alguém que já tem um pré-projeto e que não é inflexível nas maneiras de realizar esse projeto, fica muito difícil que ações como as relatadas cheguem [até as escolas].” – GHISLEINE TRIGO

O IMPACTO DAS PARCERIAS NO PROCESSO FORMATIVO DOS JOVENS

- Tendo desenvolvido e aprofundado habilidades e capacidades por meio da participação nos projetos, jovens se mostram:
 - Mais flexíveis e aptos a enfrentar cenários diversos;

- Mais propensos à liderança, com voz ativa e capacidade de lidar com as diferentes opiniões;
- Mais autoconfiantes para pleitear oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional;
- Mais críticos, capazes de fazer escolhas e compreender seu papel na sociedade.

“Como resultado, vemos jovens com mais condições de fazer mais coisas em qualquer direção que eles tenham motivação e que encontrem suporte no território para caminhar, porque eles não vão virar algo que não esteja dentro da realidade do contexto deles. Mas esse tipo de projeto leva os jovens a ter um movimento maior de se juntar para planejar, fazer coisas. Amplia a convivência, amplia o repertório de relacionamento e, consequentemente, amplia os projetos de vida.” – ANA MOSER

“Metade das vagas nas universidades públicas é nossa, dos alunos de escola pública. E a gente sempre fala para eles que eles não vão ganhar a vaga de graça. Porque a universidade quer o melhor, ela quer o estudante que tenha no seu projeto de vida a proposta de se aprofundar, estudar, fazer um curso superior. E a gente coloca muito para os nossos alunos na rede estadual que eles não têm que entrar na universidade apenas para trabalhar na faxina. Eles têm que sonhar, eles são capazes e vão conseguir através da escola ocupar uma vaga dentro de uma universidade, em um curso de engenharia, de filosofia, o que eles quiserem. Isso a gente tem muito claro.” – DÉBORA BLANCO

- Papel das parcerias em expandir horizontes e oferecer perspectivas de futuro para as juventudes:
 - Projetos criam possibilidades para que estudantes explorem novas áreas e identifiquem talentos, ampliando os caminhos de vida. Exemplos: dezenas de ex-alunos do IEE se tornaram professores, muitas vezes no próprio projeto ou mesmo em escolas de elite; biodigestor desenvolvido por um dos clubes de ciências em São Carlos já conta com o investimento de empresas interessadas na tecnologia;
 - Garantia de direitos: a participação em projetos como os apresentados ultrapassa a questão do impacto no desempenho acadêmico dos alunos, atendendo ao direito que as juventudes têm ao esporte, à cultura, à ciência, à educação profissional e tecnológica;
 - Afinidade com o novo Ensino Médio: ao propor a flexibilização curricular e o investimento na construção de projetos de vida, novo Ensino Médio estimula o estabelecimento de parcerias público-privadas e com as universidades de modo a oferecer experiências múltiplas para os jovens de uma maneira não somente formal, mas sim prevista na carga horária.

“Nós não vamos fazer prova intelectual para colocar [o aluno] dentro do clube de ciências, ao contrário. Nós já tivemos experiências de um menino que tinha acabado de

sair da Fundação CASA com uma deficiência [de ensino] muito grande, até por conta de perder o timing da vida escolar. Ele veio para o clube e achou que não era para ele, mas depois se destacou porque, na verdade, ele não conhecia as coisas. Então, a gente precisa oferecer oportunidade para que eles conheçam.” – DÉBORA BLANCO

“Quando se promove alguma atividade, sempre se tende a fazer a seguinte pergunta no âmbito da educação – e não é a minha pergunta: o quanto a participação dos alunos nesse projeto agrupa na aprendizagem? Porque normalmente a gente não leva em conta que os meninos têm direito a essas atividades, independentemente de que isso tenha um maravilhoso reflexo no seu desempenho acadêmico. E é óbvio que eles não abandonam a escola, a escola fica mais agradável.” – GHISLEINE TRIGO

- Para além de ganhos dos alunos nas áreas trabalhadas pelas parcerias, há impactos positivos também nos demais atores e esferas da vida escolar:

- Professores mais empoderados e capacitados por meio de formações, cursos, programas de orientação e, em alguns casos, bolsas de estudos;
- Estímulo à pesquisa e à continuidade da formação acadêmica, inclusive por meio de bolsas de pré-iniciação científica para os estudantes;
- Escolas mais abertas ao diálogo com a comunidade do entorno e a sociedade em geral;
- Ambiente físico escolar mais adequado, em resposta às demandas levantadas pelos projetos;
- Estreitamento de laços e apoio mútuo entre os diferentes atores e instâncias da educação (Educação Básica, Ensino Superior, poder público, organizações da sociedade civil etc.);
- Consolidação da escola como um espaço de aspiração e esperança no futuro, em especial em momentos de crise – sanitária, econômica, política – como o que o Brasil atravessa (mesmo diante de uma evasão escolar que de fato aconteceu, mas que se mostra difícil de mensurar em um contexto de alunos fragilizados pelas condições do ensino remoto).

“Na pandemia aumentaram as necessidades básicas, a grande preocupação [dos jovens] é comer, ter crédito no celular para poder interagir, pais desempregados. Então, hoje os alunos estão divididos entre a realidade dura da sobrevivência e a ludicidade dos grupos de esporte, porque eles vivem nesses grupos.” – ANA MOSER

“Eu sinto que [na pandemia] chegou um reconhecimento em relação ao papel da escola na possibilidade de mudar a situação. Os alunos estão com a gente, eles querem muito trabalhar, estudar, ajudar a mãe a olhar o irmãozinho, a comprar leite, eles falam literalmente isso. Mas eles reconhecem, e agora ficou muito claro para eles, que ainda a escola é, para muitos, a única chance de mudar um pouco a condição. E eles sabem que

vão ter que desenvolver várias habilidades, que não vão poder se especializar em uma única coisa, e eles vão ter que buscar formação para isso. Então, eu sinto que na pandemia voltou um respeito à escola, que estava meio caidinha.” – DÉBORA BLANCO

“É óbvio que a situação estrutural do país é péssima, mas a gente tem que cumprir um papel de que a escola seja acreditada pelo aluno, de que brilhe o olho dele de estar numa escola na qual a fala dele é levada em conta, ele é aceito, a diferença é valorizada, ele tem oportunidades sérias de aprendizagem, e que se consiga ter a generosidade de recorrer a estratégias diversas para alunos diversos. Que a escola seja algo para acrescentar na vida dos alunos, e não para pôr os alunos para fora. Eu não perco a esperança de que a escola seja um lugar de esperança.” – GHISLEINE TRIGO

REFERÊNCIAS & MATERIAIS DE INTERESSE

- Base Nacional Comum Curricular, documento normativo do Ministério da Educação: <https://bit.ly/33AzTKk>
- Estatuto da Criança e do Adolescente (lei nº. 8.069, de 13 de julho de 1990): <https://bit.ly/3mH4Fsy>
- *Estatuto da Juventude: atos internacionais e normas correlatas*, do Senado Federal (2013): <https://bit.ly/3ytto5Q>
- Instituto Esporte & Educação, organização da sociedade civil cuja missão é contribuir para a formação do cidadão crítico e participativo por meio da educação física e do esporte: <https://bit.ly/3zWxPse>
- Nova Lei do Ensino Médio (nº. 13.415, de 16 de fevereiro de 2017): <https://bit.ly/3yrlKI4>
- “Sem perspectivas, metade dos jovens quer deixar Brasil”, matéria do jornal *Folha de S. Paulo* sobre os resultados de uma série de pesquisas quantitativas e qualitativas com jovens brasileiros (20 de junho de 2021): <https://bit.ly/3l7OVqf>